

A pele que me (des)cobre

Roseane Freitas Nicolau

Resumo

Propõe-se abordar o fenômeno psicossomático a partir de uma possibilidade de enlaçamento do corpo no nó borromeano como algo que faz suplência ao nó. São apresentados fragmentos de uma análise em que a paciente em questão apresenta despigmentações na pele em função de um vitiligo que ressurgiu associado a uma crise de angústia. Parte-se da ideia segundo a qual o “corpo falante”, ou seja, o “corpo do ser falante”, o é graças ao enodamento dos três registros: Real, Simbólico e Imaginário. A discussão se segue em torno da irrupção do corpo na experiência analítica, sublinhando o tempo em que, no percurso da análise, um significante retornou no corpo, fazendo eclodir uma lesão em um ponto específico, sendo tomado pela analista como o que retorna do Real. De acordo com os fragmentos clínicos apresentados, o acontecimento traumático colocado no corpo, não traduzido em palavras, manifesta-se não como um sintoma inscrito no simbólico, mas como uma mostração, como um real que irrompe, pela inscrição da letra no corpo.

Palavras-chave:

Fenômeno psicossomático; Letra; Gozo.

The skin that (dis)covers me

Abstract

It is proposed to approach the psychosomatic phenomenon from a possibility of entangling the body in the Borromean knot, as something that substitutes the knot. Fragments of an analysis are presented, where the patient in question presents depigmentation in the skin due to an outbreak of vitiligo, which appeared again accompanied by a crisis of anguish. It starts from the idea that the “speaking body”, that is, the “body of the speaking being”, is made possible thanks to the knotting of the three registers: Real, Symbolic and Imaginary. The discussion follows around the irruption of the body in the analytic experience, highlighting the time in which, in the course of the analysis, a signifier returned in the body causing an injury to erupt at a specific point, being taken by the analyst as what returns from the Real. According to the clinical fragments presented, the traumatic event placed in the body, not translated into words, manifests itself not as a

symptom inscribed in the symbolic, but as a display, as a real that erupts, through the inscription of the letter on the body.

Keywords:

Psychosomatic phenomenon; Letter; Enjoyment.

La piel que (des)cúbreme

Resumen

Se propone abordar el fenómeno psicossomático desde una posibilidad de enredar el cuerpo en el nudo borromeo, como algo que sustituye al nudo. Se presentan fragmentos de un análisis, donde el paciente en cuestión presenta despigmentación en la piel a causa de un brote de vitiligo, el cual apareció nuevamente acompañado de un ataque de ansiedad. Parte de la idea de que el “cuerpo hablante”, es decir, el “cuerpo del ser hablante”, se hace posible gracias al anudamiento de los tres registros: Real, Simbólico e Imaginario. La discusión sigue en torno a la irrupción del cuerpo en la experiencia analítica, destacando el tiempo en que, en el transcurso del análisis, un significante retornó en el cuerpo provocando la erupción de una herida en un punto específico, siendo tomado por el analista como aquello vuelve de la Real. Según los fragmentos clínicos presentados, el hecho traumático colocado en el cuerpo, no traducido en palabras, se manifiesta no como un síntoma inscrito en lo simbólico, sino como una exhibición, como un real que irrumpe, a través de la inscripción de la letra en el cuerpo.

Palabras clave:

Fenómeno psicossomático; Carta; Disfrute.

La peau qui me (dé)couvre

Résumé

Il est proposé d'aborder le phénomène psychosomatique à partir d'une possibilité d'enchevêtrement du corps dans le nœud borroméen, comme quelque chose qui se substitue au nœud. Des fragments d'une analyse sont présentés, où le patient en question présente une dépigmentation de la peau due à une poussée de vitiligo, qui est réapparue accompagnée d'une crise d'angoisse. Elle part de l'idée que le « corps parlant », c'est-à-dire le « corps de l'être parlant », est rendu possible grâce au nouage des trois registres : Réel, Symbolique et Imaginaire. La discussion

s'ensuit autour de l'irruption du corps dans l'expérience analytique, mettant en évidence le temps où, au cours de l'analyse, un signifiant est revenu dans le corps faisant éclater une blessure en un point précis, étant pris par l'analyste comme ce qui revient du Réel. Selon les fragments cliniques présentés, l'événement traumatique placé dans le corps, non traduit en mots, se manifeste non pas comme un symptôme inscrit dans le symbolique, mais comme un étalage, comme un réel qui éclate, à travers l'inscription de la lettre sur le corps.

Mots-clés :

Phénomène psychosomatique ; Lettre ; Jouissance.

Este artigo tem como objetivo abordar a possibilidade de enlaçamento do corpo no nó borromeano, tomando como referência o fenômeno psicossomático como algo que faz suplência ao nó. Para tanto, são apresentados fragmentos de uma análise em que o sujeito manifestou despigmentações na pele em função de um vitiligo que ressurgiu acompanhado de uma crise de angústia. A discussão seguirá em torno da irrupção do corpo na experiência analítica, sublinhando o tempo em que, no percurso da análise, um significante retornou no corpo, fazendo eclodir uma lesão em um ponto específico, sendo tomado pela analista como o que retorna do Real.

Parte-se da ideia segundo a qual o “corpo falante”, ou seja, o “corpo do ser falante”, o é graças ao enodamento dos três registros: Real, Simbólico e Imaginário. É com a elaboração do nó borromeano que Lacan retoma a questão do corpo, e isso nos leva a perguntar: Qual a possibilidade de enlaçamento do corpo no nó quando este se rompe ou se deforma em uma crise de angústia? O sintoma do vitiligo não viria, então, como possibilidade de (re)enodamento?

O vitiligo não é propriamente um sintoma, no sentido de que este é próprio ao corpo do significante. Ele está mais próximo daquilo que Lacan (1955-1956/1992) nomeou como fenômeno psicossomático, que afeta a carne, o corpo vivo ou, no caso do vitiligo, a pele, que fica sem pigmentação, deixando o corpo desprotegido, sem cobertura de melanina ou, poderíamos dizer, sem cobertura simbólica? Esse é um debate fecundo. A finalidade deste artigo não é encerrar esse debate, mas, sim, fazer com que o caso a ser apresentado possa conduzir a outras interrogações para se pensar nessa direção.

O caso: cobrir, (des)cobrir, (en)cobrir

Estela procurou a análise movida por muito sofrimento, o qual atribuía às crises amorosas que a consumiam. Culpada por ter traído o parceiro, para quem

confessou a traição, recriminava-se e se submetia às agressões feitas com palavras destrutivas e acusatórias, diante das quais não reagia, por acreditar que merecia os ataques sofridos. Sua posição de absoluta passividade era justificada por autoacusações — “eu não presto”, “tenho índole para trair”, “sou vagabunda” —, que explicavam sua posição de submissão. Embora reconhecesse que a traição ocorrera em um período difícil no relacionamento, dizia que cedera à tentação porque era “safada”, como ouvia do parceiro.

No primeiro tempo da análise, que durou quatro anos, não mencionou o vitiligo, cuja eclosão das lesões se deu no final da adolescência e início da vida adulta. Após tratamentos sucessivos, a doença estacionou e não a incomodava, pois não era perceptível. Após um trecho avançado de sua análise, as lesões voltam a se manifestar, ocasião em que começa a falar sobre o tema, referindo-se, em suas palavras, ao “descobrimento” do corpo nos pontos em que era afetado pela doença.

Relacionou esse momento com o “estado emocional” ou “estresse”, não sendo associado a nenhum acontecimento de sua história. Circunscrito nas extremidades do corpo, o vitiligo afeta mãos, cotovelos, pés e lábios, quando roupas de mangas compridas, sapatos fechados e maquiagem são utilizados como artifício para, novamente em suas palavras, “cobrir” as partes afetadas. Ao se dar a ver a pele descoberta pela pigmentação, associações vão sendo construídas. Diz então que, de tempos em tempos, em um movimento rítmico, ocorre a despigmentação, que em suas associações faz coincidir com períodos em que pensou em revelar à família um segredo que atravessa sua vida desde a infância.

Aqui, abre-se um parêntese para dizer que a análise já havia feito muitas voltas pelo Imaginário e Simbólico, esgotando o sentido e estancando a fala, em um movimento em que ela não via sentido em continuar, porque já havia trabalhado suas questões mais difíceis. É quando algo retorna no corpo que podemos dizer que o Real irrompe, impondo um trabalho de escrita, de outra escrita. Esta aparece pela via do significante “cobrir”. Sigamos.

O segredo, ao qual se refere a analisante, diz ter desejado revelar em muitas ocasiões, mas, por ser uma decisão difícil envolvendo a família, decidiu “encobrir”. Assim, em um jogo de mostrar, esconder, encobrir, descobrir, o trauma vai sendo bordejado pelo significante. O trauma relaciona-se com um abuso sexual cometido por um familiar próximo, que nunca fora recoberto por palavras, para não provocar rupturas familiares, sendo então “esquecido”. Podemos supor aí a lógica que implica o real do trauma, que, escapando às leis da linguagem, não sendo traduzido em palavras, manifesta-se como uma mostração no corpo.

Destacam-se os significantes “cobrir” e “descobrir”, que se repetem. As escansões no significante des-cobrir produziram associações. A pele sem pigmentação revela, aos poucos, as marcas que o sujeito carrega de um trauma ao qual não pôde reagir, contra o qual não teve como lutar. O trauma refere-se, no caso, às

vivências de um Real inexorável, nas quais está implicado o Outro e seu desejo indecifrável que exclui o sujeito. São “desgraças” que lhe caíram na cabeça, como nos lembra Soler (2004). Além de excluído, continua a autora, cabe ao sujeito carregar as marcas deixadas pelo trauma.

Conforme mencionado, tomo o vitiligo como fenômeno psicossomático e, como tal, destaco que é próprio a ele ser pouco falado em análise. Com Estela não foi diferente, pois ele só apareceu em sua fala ao fazer mostração no corpo. Em um tempo em que questionava a análise, dizendo não ter mais nada para tratar, a pele começa a despigmentar. Estela se refere às “manchas transparentes” na pele como “descobrimo” suas mãos e braços, em um incessante movimento de “cobrir” e “descobrir” cadenciado pela angústia.

Os impasses clínicos convergiam para a parte do corpo tomada pelo vitiligo, que parecia não ter nenhum sentido. As intervenções no significante não reverberavam. É mister salientar que há algo que aparece no fenômeno psicossomático: é o fato de que a parte do corpo, tomada pela lesão, está descolada, solta, não faz cadeia. A hipótese de sua causa é sempre rígida para o sujeito, que a liga a uma mudança externa, uma perda, um abuso, mas sem encadear a nada de sua história, e, portanto, não desliza nos significantes. Sem metonímia, não há metáfora; sem metáfora, nada pode ser decifrado. Por esse motivo, o fenômeno psicossomático está próximo de uma cifração. Podemos pensar que a lesão orgânica causada pelo fenômeno psicossomático remete aos acontecimentos não traduzidos pelo Simbólico, anteriores ao registro inconsciente.

Trata-se de uma construção não simbólica escrita no corpo, uma resposta do sujeito emudecido diante do trauma, sendo de uma violência avassaladora. Dela não se pode falar, pois se refere a um escrito que não se dá a ler. Seria por isso que a analisante não falava ou pouco falava da lesão? O não reagir às agressões do companheiro teria relação com o não poder passar às palavras os acontecimentos referentes ao abuso? Ao não poder descobri-los, Estela (des)cobria a pele.

Estela não podia (des)cobrir o que estava encoberto sob ameaça de exclusão da família. Não falar era não revelar os acontecimentos de sua pré-adolescência, o que a emudece. No entanto, falar seria construir algum saber sobre o acontecido e a possibilidade de produzir uma escrita com as marcas no corpo. Seu emudecimento faz presença na relação com o outro, quando não conseguia responder à altura às ofensas de seu parceiro amoroso, ficando devastada. O segredo que carrega atravessou sua existência e se revelava nas marcas do corpo. O que não podia ser descoberto cobre-se nas manchas brancas, que, paradoxalmente, são partes da pele despigmentadas e, portanto, descobertas.

Estela não faz associações com sua história e sempre relaciona a lesão com um acontecimento fora, que tornou difícil avançar em certos pontos da análise. Se pensarmos que o fenômeno psicossomático não tem estrutura de metáfora como

o sintoma, vemos que não se trata aí de recuperar a palavra, nem de lembrar. Se fosse uma conversão, por exemplo, teríamos uma memória que, ao não querer aparecer, acabaria aparecendo pela via do sintoma. A intervenção do analista, nesse caso, poderia descolar a palavra presa e amordaçada, fazendo o sintoma deslizar, desaparecer e se transformar. No caso do fenômeno psicossomático, a causa está alhures, impossível de ser alcançada pela interpretação, na medida em que não terá relação com alguma coisa que seja do passado do sujeito. Nessa perspectiva, diz Lacan sobre os fenômenos psicossomáticos:

(...) fenômenos estruturados de modo bem diferente do que se passa nas neuroses, a saber, onde há não sei que impressão ou inscrição direta de uma característica, e mesmo, em certos casos, de um conflito, no que se pode chamar o quadro material que apresenta o sujeito enquanto ser corpóreo. (Lacan, 1955-1956/1992, p. 352)

Diante disso, como pode operar o analista? A aposta está em uma escrita que suporta o Real. Considerado como fenômeno psicossomático, o vitiligo escapa ao simbólico e impõe uma operação no Real da letra. Uma vez o corpo sendo efeito da mordida do Simbólico sobre o Real, quando esses significantes surgem em uma série que inclui outros significantes, como “encobrir”, “acobertar”, é possível pensar a inscrição da letra sobre esse ponto do corpo descoberto pela melanina. A possibilidade de escrita com a letra seria uma via possível na direção da cura de uma clínica que implica os fenômenos corporais a serem distintos segundo o modo como se apresentam.

O corpo na cena analítica

O acontecimento traumático não traduzido em palavras se manifesta como uma mostração no corpo, não como sintoma inscrito no simbólico, mas como um ponto de real que irrompe. Seria, então, um ponto de não corpo? Sim, se considerarmos que não há corpo sem significante, não há corpo senão pelo Simbólico, pela inscrição da letra no corpo. É a linguagem que outorga o corpo do sujeito, operando a separação entre corpo e organismo. É justamente nesse ponto que incide o fenômeno psicossomático. É aí que surge a letra reclamando uma escrita. Supõe-se que, nesse ponto, há algo do Real a ser enodado, apontando para um trabalho que escapa ao simbólico e impõe uma operação no real da letra.

A irrupção na pele de Estela ocorre quando ela se debate na dúvida sobre silenciar ou revelar aos familiares o abuso que sofreu na infância. Nunca falou sobre isso ao longo da vida e “esqueceu” até iniciar a análise, quando o esquecimento foi suspenso. Apesar de evitar o tema, ele aparecia vez ou outra em sua fala. Em um tempo avançado da análise, lembranças do medo que tinha de ser descoberta

e as ameaças que sofria por parte do agressor começaram a surgir. Depois, passou longo tempo sem falar, até surgirem as associações ligadas ao vitiligo, quando se repetiam os significantes “cobrir”, “encobrir” e “descobrir”, ao referir-se às marcas do vitiligo que escondia com as roupas. Esses significantes aparecem em outros momentos da análise, quando se interroga sobre contar ou não contar a traição que fez ao parceiro.

A angústia sempre referida às dificuldades na vida amorosa retorna, no segundo tempo da análise, relacionada com o abuso sexual sofrido. As lembranças vão surgindo, e sua implicação lhe é revelada pela constatação de ter vivido um “caso de amor” com o agressor que durou por muito tempo. Ele a seduzia com promessas e a amedrontava com ameaças, dizendo que ela não podia contar nada do que ocorria. Era um segredo que partilhavam e que nunca poderia ser descoberto, pois ele era vivido como uma traição a outro membro da família. A partir de determinado momento, passou a sentir nojo do abusador e raiva de si. Esquecido por muitos anos, esse acontecimento surge na análise, sendo, entretanto, evitado. Mas, repetida no relacionamento atual, a traição a ser descoberta se revela no significante, tanto em relação ao abuso quanto em relação à traição ao companheiro. Sempre cheia de culpa, não reagia aos maus-tratos dele.

Reviver o trauma a partir da atualização de uma traição cheia de culpa e que não poderia ter sido dita, descoberta, parece ter ativado algo no corpo de Estela. No *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964/1998) fala de uma experiência induzida por um significante que vem do Outro, por algo obscuro no discurso do Outro, ou que chega como significações confusas do discurso do Outro e que se repetem, causando trauma, pois não são assimiladas. Por outro lado, esse “inassimilável” pode produzir efeitos e afetos, plenos de angústia, que desorientam o sujeito, arrancando-o da cena simbólica, ao tirar-lhe as palavras da boca. A analisante calou-se durante anos e, depois de adulta, não falou disso com ninguém. Na análise, falava do acontecimento, mas não falava das marcas que este lhe deixara, das impressões e fantasias que pudessem, de alguma forma, constituir um saber que ao mesmo tempo bordejasse o horror dessa vivência, dando alguma vazão ao afeto aprisionado.

Nesses momentos em que algo surge no corpo, verifica-se, na experiência analítica, uma demanda de corte e (re)ordenamento. Teríamos aí uma escrita nodal das marcas deixadas no corpo por um acontecimento traumático? Essa é uma das questões que levanto para tratar dessa clínica que implica fenômenos corporais surgidos no tratamento psicanalítico, quando este avança em direção ao Real e nos leva a interrogar as conexões possíveis entre o nó e o corpo.

Na experiência de análise, quando um significante retorna no corpo, pode-se tomar como o que retorna do Real, no corpo. Paradoxalmente, no caso de Estela, isso fez a análise avançar em direção ao Real e permitiu que se questionassem

as conexões possíveis entre o nó e o corpo. O trabalho, nesses casos, escapa ao simbólico e impõe uma operação no real da letra, o que se pode afirmar a partir de Lacan, quando este identifica o significante com a letra e dá ao significante recalcado a imagem de letra para marcar um lugar, um lugar do significante. Ou seja, o significante não é sem a letra.

Se a letra está em jogo, então podemos tratar a operação analítica junto aos fenômenos psicossomáticos, considerando estes como manifestações do Real, em que a escrita no corpo se distingue da dimensão significante e aponta para outra escrita, de inscrição ilegível, conforme discutido por Nicolau e Guerra:

Não se trata, portanto, de interpretação do fenômeno psicossomático, mas de uma transliteração, como esclarece Jean Allouch (2007), pois o que é visado não é o sentido, e sim a letra. Transliteração é um modo de ler com prevalência do textual. Se o funcionamento do inconsciente supõe como efeito a cifra, cabe à interpretação decifrar tal texto, decifrar aqui entendido como transliterar, o que é precisamente da ordem do não-sentido, uma vez que o resultado se dá a ler mantendo a equívocidade, efeito do real, como impossível de ser dito. (Nicolau & Guerra, 2012, p. 236)

Na perspectiva da psicanálise de orientação lacaniana, os fragmentos clínicos me guiam pela abordagem das “formações de gozo”, assim designadas por Collette Soler (2019, p. 257) para fazer referência ao corpo habitado pela substância gozante, o corpo-sintoma, este onde o significante primordial inscreve o rastro de uma experiência, apontando para o corpo que carrega rastros pré-significantes. São marcas diferentes que riscam a superfície do corpo, e algumas nos levam a um ponto de interrupção na leitura, pois têm uma escrita peculiar, que tangencia o Simbólico e o Real. A escrita implica a cifração, impondo-nos estabelecer a diferença que Lacan faz entre significante e letra, para discutir a direção da cura.

O fenômeno psicossomático e o Real da letra

No fenômeno psicossomático, o sujeito se relaciona com parte do corpo atingida pela lesão de modo diferente, sem atribuir nenhum sentido, mas apenas um sentido indefinido. Aconteceu, em um momento traumático, alguma perda, algo angustiante, mas é só. O tratamento não recupera um pedaço da história que está ligado a ele. Lacan (1975/1988) diz que é como se fosse um número, uma cifra, uma tatuagem feita por alguém, sem que o sujeito se dê conta da historicidade que possa estar envolvida. Essa diferença demonstra que o sintoma tem uma função significante, que, ao surgir na experiência analítica, torna-se passível de uma interpretação que o faz ganhar valor para o sujeito. Já o fenômeno psicossomático, aprisionado ao registro Real do corpo, não cede à interpretação, o que torna o tra-

tamento permeado de particular dificuldade, na medida em que nada se escreve no registro Simbólico, via possível de interpretá-lo.

Esses fenômenos de corpo mostram que nem tudo pode receber tratamento simbólico, posto nem tudo poder ser dito, já que se trata de marcas, restos a escrever. E isso deve ser tomado ao pé da letra no trabalho clínico, particularmente com experiências que remetem a um Real inexorável, que não podem ser evitadas ou antecipadas, mas nas quais está implicado, certamente, o Outro e seu desejo indecifrável, que exclui o sujeito, condenado a carregar as marcas deixadas por acontecimentos aos quais não pôde reagir ou contra os quais não teve como lutar. É como se o sujeito saísse de cena, como na vivência do trauma. Essa exclusão do sujeito sustenta a ideia de que, diferentemente do sintoma, o fenômeno psicossomático encontra-se fora de subjetivação, ou seja, o sujeito não pode dele se apropriar, permanecendo alheio, sem implicação em sua ocorrência. Entretanto, esses fenômenos de corpo, embora remetam a um gozo indecifrável, ligam-se às marcas primordiais, que, por sua vez, vão constituir o significante. É isso que vai possibilitar um trabalho.

São marcas como rastros do que se pode chamar de acontecimentos de gozo corporal. Tal como observa Soler (2004, p. 259), Lacan vai denominar o próprio sintoma “(...) como acontecimento de corpo, o que faz com que, no fundo, o sintoma seja gozo de maneira dobrada. É gozo de um rastro de gozo”. O sintoma, antes definido como uma metáfora, ou seja, como fenômeno de linguagem, passa a fazer parte do trauma. Podemos, então, dizer que essa metáfora construída sobre o significante primeiro do trauma vai ligar-se ao fenômeno do corpo. Esse corpo, como lugar de rastros de gozo, é também o corpo lugar do Outro, e o Outro é, primeiramente, o lugar do significante.

Isso nos remete ao que Lacan (1972-1973/1985) trabalha no *Seminário 20: mais, ainda*, ao fazer considerações sobre o significante e *lalíngua*, esta em que, a rigor, não há significante no sentido em que ele representaria o sujeito, mas só significante em si mesmo. Seria um significante que marca só a diferença de elementos linguísticos. E, indo um pouco mais longe, lembramos que o significante que representa o sujeito é tirado de *lalíngua*, pois, como conclui Lacan, a linguagem é feita de alíngua.

Chegamos, portanto, a um ponto no qual se fazem necessárias algumas palavras sobre a diferença entre letra e significante. Seguindo com o trabalho sobre a letra, Lacan (1971/1986) sustenta que ela é o significante descolado de qualquer significado, litoral entre saber e gozo. Ao que parece, algo é inscrito no psiquismo do ser falante, pela linguagem do Outro, em um momento tão primitivo que se apaga; algo que não tem representação psíquica, mas, como nos diz Freud no Bloco Mágico, risca, ficando ilegível, mas ainda assim inscrito em sulco, marcando e produzindo efeitos; inscrição que, de certa forma, traça uma borda, circunscre-

vendo o irrepresentável. Uma questão que se coloca é: esses riscos poderiam estar relacionados com o fenômeno psicossomático?

Lacan, em sua “Conferência em Genebra” (1975/1988), refere-se à psicossomática como algo da ordem do escrito, do hieróglifo, o qual, em muitos casos, não sabemos ler, o que pode ser compreendido como um escrito para não ler (*pass-à-lire*). Trata-se de um registro que não se dirige a ninguém, apenas uma notação, em determinado ponto do discurso, ou, como acho mais interessante dizer, uma mostração. Os traços são como assinatura, não tendo, portanto, valor de significante. Aqui, Lacan já formulou a noção de letra, como o que cai no campo do Real, ao lado do significante, que se inscreve no campo do simbólico. Desse escrito indecifrável, o corpo se deixa a escrever qualquer coisa da ordem do número, que é refratário ao Simbólico, mas que insiste com sua presença, deixando marcas. Nesse sentido, a letra é redutível, em seu nível mais simples, a traço. É questão, portanto, de um ciframento, que não passa pela significação da letra, pela subjetivação do desejo, mas que está do lado do número, como uma contagem absoluta do gozo.

Juan Ritvo (2000, p. 9), ao trabalhar acerca do conceito de letra na obra de Lacan, afirma que há paradoxos na relação entre letra e significante, pois “Existem definições de letra, em Lacan, que são praticamente homólogas às definições de significante”. Entretanto, há outras em que ele define especificamente letra e significante. Seriam dois aspectos distintos de um mesmo conceito? Ritvo (2000, p. 9), então, estabelece dois polos de atração: “o pólo patemático, que tem a ver com a marca no corpo, com o traço do significante no corpo; e outro pólo que é o matemático, de matema, a letra que se transmite integralmente”. São dois estatutos da letra totalmente distintos.

No *Seminário 9: a identificação* (Lacan, 1961-1962), a letra foi tomada como o elemento diferencial do significante, tendo uma estrutura diferente deste. Ela é a essência do significante, suporte material pelo qual este se distingue do signo. Aqui, ela está implicada nos efeitos da metáfora e da metonímia, mas põe o sentido de lado. Assim, mesmo que a letra se escreva, não tem nada a ver com o que se lê. Esse escrito não pode ser lido como inconsciente. É precisamente o ilegível, o que não se dá a ler na letra. É esse não-a-ler da letra que aponta para o gozo no fenômeno psicossomático.

O fenômeno psicossomático contém um gozo que se mostra por intermédio das lesões, da carne marcada com uma “libra de carne” para pagar pela falha significante. Mediante um encontro traumático, contingente, com o real, ocorre um retorno de gozo no corpo que é circunscrito pelas lesões em que o sujeito se submete a um imperativo de gozo.

Específico em sua fixação fora do Simbólico, o gozo no fenômeno psicossomático apenas sinaliza algo da ordem de uma pulsação sem sentido no corpo. Gozo

sem sentido e, acima de tudo, de muita angústia. O corpo está aí como objeto, objeto dejetivo, impossível de ser causa em razão da presença da holófrase; dejetivo no corpo, proximidade de real que causa angústia. Angústia que, muitas vezes, extrapola os limites do corpo e contamina as relações do sujeito, que, por outro lado, necessita ser nomeada, falada e escutada em lugar de ser mostrada nas lesões para o médico. Estela lembra o dia em que o médico descobriu seu vitiligo. Ficou aliviada por ter nomeado seu mal. Sua angústia continuou, todavia agora já tinha um nome. Entretanto, foi na análise que começou a falar e a ser escutada. E aí algum escoamento de gozo foi possível.

Quanto à cura de um fenômeno psicossomático, em sua “Conferência em Genebra”, Lacan (1975/1988, p. 14) diz: “é pela revelação do gozo específico que há na sua fixação, que sempre é preciso abordar o psicossomático”. Valas (2004, p. 124) nos propõe que a saída desse ponto de fixação, de petrificação, é “deixar o sujeito dizer, deixar ir de maneira refletida o livre jogo de sua angústia, de modo que possa se produzir um distanciamento, uma flutuação (...). Pouco a pouco, ela vai ganhar sentido para ele”. Não se trata, portanto, de remissão pela utilização de um significante causal ou das racionalizações do sujeito em uma tentativa de compreender sua doença, mas de o sujeito falar de suas lesões nos mesmos termos que fala de sua angústia.

Porém, somos advertidos por Fonseca (2007), que nos diz que o fenômeno psicossomático é sensível ao significante, e o uso inadequado das palavras pode produzir estragos (aumento das lesões, fechamento do inconsciente e até morte). O fenômeno psicossomático é enigmático em sua remissão, pois esta pode resultar tanto do êxito de uma simbolização que remeta ao processo de subjetivação quanto de uma “prótese imaginária”, fortuita ou planejada. Há que ter delicadeza.

Penso que todo o movimento e avanços da análise foi acionado por um significante, apesar de ele não ser passível de leitura. O texto escrito pelo fenômeno psicossomático se encontra em outra língua, uma língua viva, coabitada pelo gozo, e não pelo significante mortificador. Escrito ou cifrado em número, o fenômeno psicossomático segue desafiando nosso trabalho, e continuamos insistindo em construir um saber a partir de nossa escuta. Só podemos bordejar esse furo em nosso saber, auxiliados por nossa escuta na clínica desses pacientes e pelo difícil cotejamento teórico desse tema.

Referências bibliográficas

- Fonseca, M. C. B. (2007). Do trauma ao fenômeno (FPS): como lidar com o sem-sentido?. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 10(2).
- Lacan, J. (1961-1962). *O seminário, livro 9: a identificação*. Inédito.
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1986). Lituraterra. *Che vuoi? Psicanálise e Cultura*. Porto Alegre: Cooperativa Cultural Jacques Lacan. (Trabalho original publicado em 1971)
- Lacan, J. (1988). Conferência em Genebra sobre El sintoma. *Intervenciones y Textos* (pp. 115-144). Buenos Aires: Manantial. (Trabalho original publicado em 1975)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956)
- Lacan, J. (1998). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Nicolau, R. F., & Guerra, A. M. C. (2012). O fenômeno psicossomático no rastro da letra. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(1), 226-241.
- Ritvo, J. B. (2000). O conceito de letra na obra de Lacan. *Revista da Escola Letra Freudiana: A prática da letra*, 17(26).
- Soler, C. (2004). Trauma e fantasia. *Stylus*, (9), 45-60.
- Soler, C. (2019). *O em-corpo do sujeito: seminário 2001-2002*. Salvador: Agalma.
- Valas, P. (2004). Um fetiche para os ignorantes: a psicossomática. *Revista Escola Letra Freudiana*, 23(33), 113-126.

Recebido: 01/12/2021

Aprovado: 15/12/2021